



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## **A CEIA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA REPRESENTAÇÃO DA MULHER ABANDONADA**

**Wesley Fernando de Andrade Hilário<sup>1</sup>; Raquel de Oliveira Fonseca<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Graduando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Participou como pesquisador na Modalidade Avançada do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: weehillario@hotmail.com. <sup>2</sup>Orientadora. Docente no curso de Letras da UEMS.

### **RESUMO**

Ao observarmos a questão das relações de gênero e poder entre homens e mulheres, percebemos que essas, desde séculos anteriores, foram inferiorizadas nos mais diversos âmbitos: políticos, econômicos e até afetivos. A partir dessa perspectiva o presente trabalho objetiva analisar o conto *A Ceia*, de Lygia Fagundes Telles, de modo a observar como a mulher que protagoniza a história é representada e de que maneira o meio em que ela está inserida e os valores sociais influenciam em seu relacionamento amoroso. Para tanto, visa-se responder: qual o meio sócio-cultural que a mulher e o homem vivem? Quais os valores atribuídos socialmente a cada um deles? Qual é a concepção de amor e casamento que instiga o comportamento de ambos os cônjuges diante da situação de separação? A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, tendo como aporte teórico Giddens (1991; 1993) para tratar das questões inerentes à modernidade, bem como das mudanças dos sentimentos e relacionamentos amorosos sob a ótica social; a crítica feminista; e textos que tratam de amor, casamento e separação no período em que o conto foi escrito, meados do século XX. A importância desse trabalho se dá pelo fato de que ao se refletir sobre os assuntos mencionados, pode-se questionar e contribuir com a discussão sobre a representação da mulher na literatura e seu papel na sociedade, além de fazer com que se possa (re)pensar sobre as ações, relações e relacionamentos humanos na sociedade moderna.

**Palavras-chave:** Lygia Fagundes Telles. Mulher. Relacionamento amoroso.

## INTRODUÇÃO

Pretendemos nessa introdução discorrer brevemente sobre um termo que durante a leitura do texto deverá ser retomado pelo leitor. Esse termo compreende o significado de *reflexividade*, guiado pelas ideias de Giddens (1991). Por não ser possível realizarmos um trabalho muito extenso, nos atentaremos somente, e de maneira geral, ao que consideramos essencial para o estabelecimento de sentido entre nosso objetivo, os assuntos levantados, a análise do conto e nossos resultados.

Segundo Giddens (1991), vivemos em uma sociedade moderna e reflexiva, onde, a todo o momento, transformações ocorrem nas diferentes esferas, sejam elas políticas, econômicas ou culturais. Costumes, crenças e valores são constantemente modificados em função da (re)ordenação dos relacionamentos, sejam eles sociais ou afetivos.

Para o autor, o termo a qual nos referimos está intrinsecamente unido a todas as ações que estão ligadas ao pensamento. Nesse sentido, as práticas realizadas no âmbito social são constantemente redefinidas, uma vez que para realizá-las se faz necessário refletir sobre essas próprias práticas, modificando seu caráter e suas significações, tanto para quem as produz quanto para quem as recebe.

Com a inserção da reflexividade à sociedade, os sujeitos passaram a refletir sobre suas atitudes e relacionamentos acontecidos nos diferentes espaços, adotando o eu como ponto central dessas relações, tendo, conseqüentemente, como principais objetivos, a autossatisfação e a autorrealização nos mais diversos âmbitos: profissionais, emocionais e sociais, por exemplo.

Vale ressaltar, nesse momento, que Giddens (1991, p. 51, grifos do autor) diz que a modernidade foi ocasionada em função de três fatores, sendo eles: a *separação entre tempo e espaço*; o *desenvolvimento de mecanismos de desencaixe*; e a *apropriação reflexiva do conhecimento*, no entanto, não nos cabe, nesse trabalho, detalharmos os aspectos de cada um. Devemos considerar, somente, que tais fatores foram responsáveis pela alteração da intimidade entre os indivíduos, uma vez que ela está ligada a

1. Uma relação intrínseca entre as *tendências globalizantes* da modernidade e *eventos localizados* na vida cotidiana – uma conexão dialética, complicada entre o ‘extensional’ e o ‘intencional’.
2. A construção do eu como um *projeto reflexivo*, uma parte elementar da reflexividade da modernidade; um indivíduo deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos.
3. Um impulso para a autorrealização, fundamentado na *confiança básica*, que em contextos personalizados só pode ser estabelecida por uma ‘abertura’ do eu para o outro.

4. A formação de laços pessoais e eróticos como ‘relacionamentos’, orientados pela *mutualidade de autorrevelação*:
5. Uma preocupação com a *autossatisfação*, que não é apenas uma defesa narcisista contra um mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 111, grifos do autor).

Ao se estabelecer relação desses aspectos com os papéis desempenhados por homens e mulheres nas esferas públicas e privadas, nota-se que as lutas do movimento feminista ocorridas no início do século XX foram determinantes e, de certa forma, consequências da reflexividade, uma vez que as mulheres que participaram dessas ações passaram a questionar os pontos que as ligavam ou as separavam dos homens. Lutaram por igualdade econômica, social e política, discutindo assuntos ligados à sua liberdade sexual, ao corpo, casamento, etc.

Para tentarmos responder as questões anteriormente levantadas, dividimos o trabalho em três partes: na primeira, faremos uma breve introdução a cerca da Literatura de autoria feminina a fim de situar o leitor no espaço e contexto em que se encontra a autora do conto. A importância dessa contextualização se dá pelo fato de que, ao entrarmos nesse campo, podemos (re)pensar sobre a intenção de Lygia Fagundes Telles em representar a personagem de tal forma.

A segunda parte trata-se de um breve panorama das condições das mulheres do século XIX e XX. Essas condições referem-se ao comportamento, bem como seus direitos e obrigações, os quais foram demarcados pela sociedade machista da época.

Na terceira parte falaremos sobre a natureza dos relacionamentos amorosos e sua mudança histórico-social. Destacamos esse item do trabalho, pois é através dele que poderemos identificar as características presentes na personagem analisada.

A partir das abordagens feitas, faremos, por fim, a análise do conto, de modo que possamos refletir a respeito de quem é a mulher representada, o porquê de seu comportamento diante do término de seu casamento e suas concepções de amor e casamento.

## **LYGIA FAGUNDES TELLES E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA**

Um dos principais fatores responsáveis pela propagação das concepções sobre as mulheres e seu posicionamento social foi a literatura, em especial a romântica, isso porque o público leitor, a partir do início do século XIX, passou a ser constituído principalmente por elas. Por esse motivo, o que os homens escritores colocavam nos livros e revistas deveria ser

cautelosamente cuidado a fim de corroborar com o imaginário feminino da época, ou seja, tentava colocá-las em estado de sublimação, mascarando o sistema patriarcal e machista vigente.

Mais tarde, no início do século XX, junto às primeiras mudanças que ocorriam em relação às mulheres nas esferas políticas, econômicas, sociais e familiares, houve o surgimento de uma literatura que buscava representar a Nova Mulher, a qual, diferentemente da anterior, submissa e oprimida, “pretendia ser sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção de vida” (TELLES, 2012, p. 432). Passou, então, a se buscar a representação das mulheres no âmbito das relações familiares, sociais e amorosas pela perspectiva das mesmas.

No entanto, como consequência das determinações médicas e sociais de que a mulheres eram biologicamente fracas e desprovidas intelectualmente, essa forma de representação literária foi fortemente censurada pela sociedade machista que não pretendia eliminar o então vigente modelo de dominação.

Ainda com suas crescentes conquistas como a ascensão no mercado de trabalho e a consequente independência financeira, as mulheres que viveram do início até meados do século XX continuaram marcadas pelos pensamentos dominantes do século anterior: discriminadas sexualmente, vistas como reforço e manutenção aos trabalhos exercidos pelos homens e dependentes deles em todos os aspectos sociais.

A partir da segunda metade desse século, as mulheres passam a questionar o pensamento dominante, ou seja, respondem e indagam o sistema patriarcal. Para isso, as mulheres escritoras, através de suas obras, retratam as relações e situações vividas entre homens e mulheres nas esferas públicas e privadas.

Lygia Fagundes Telles é uma dessas escritoras. Sendo uma das primeiras escritoras a incluir o universo feminino no cânone literário brasileiro, o qual era fortemente marcado pelo discurso masculino, em muitas de suas obras foram incluídas as características e condições da mulher de sua época: o sexo frágil, dependente e submisso ao homem, que vive e idealiza suas conquistas em uma sociedade patriarcal.

Sua trajetória no mundo da literatura se inicia quando, após lançar os livros *Porão e Sobrado* em 1938, *Praia Viva* em 1944 e *O Cacto Vermelho* em 1949, os quais mais tarde são desconsiderados por ela mesma por vê-los como trabalhos prematuros e imaturos, publica o romance *Ciranda de Pedra* em 1954, e é a partir desse que a autora ganha notoriedade devido ao grande sucesso e temática obra.

No entanto, é com seus contos, mais tarde publicados, que sua visibilidade no campo literário se torna maior. Seus fortes e envolventes personagens tornam-se famosos devido à grande dramaticidade e enredo em que estão inseridos, alcançando críticas positivas dos grandes nomes do meio literário da época.

Em entrevista publicada nos Cadernos de Literatura Brasileira em 1998, Lygia é questionada sobre literatura de autoria feminina, e responde que

O que existe são mulheres e homens que escrevem bem e homens e mulheres que escrevem mal. A única distinção que faço é em relação a qualidade dos textos. Mas é claro que mulheres e homens têm vivências diferentes e isso de algum modo vai aparecer na literatura. Ciranda de Pedra é um romance que não poderia ter sido escrito por um homem. Se fosse seria diferente, compreende? O que entrou ali foi o meu conhecimento da condição da mulher pertencente a uma sociedade como a nossa, que até bem pouco tempo não tinha qualquer consideração por ela (CLB, 1998, p. 38 *apud* RUFINO, 2007, p. 39).

A partir dessa breve inserção ao tema da literatura de autoria feminina e do contexto histórico-social em que vivia a autora do conto que aqui analisamos, pode-se vislumbrar a função e importância do conto para a época, além de fazer com que se possa entender o motivo de tal representação da personagem feminina.

## **A MULHER DOS SÉCULOS XIX E XX: PERSPECTIVAS SÓCIO-CULTURAIS**

No século XIX a mulher tinha seu papel delimitado em diversos âmbitos, como por exemplo, na educação, instituição familiar e casamento. A ela cabiam os deveres domésticos, zelo pelos filhos e marido, e a esse era dada a voz de chefe da família e dono do lar.

À mulher era restringido o direito de sair de casa desacompanhada e sua saída se dava somente por alguma eventualidade, como fazer compras e participar de eventos sociais para acompanhar seu cônjuge. Assim, quando inserida em um desses eventos, sua conversa era comprometida devido à exclusão social e à falta de informações para desenvolver assuntos, causadas pela educação que lhes eram dadas, a qual era baseada no ensino ministrado em casa. Elas eram ensinadas a serem “educadas” e não instruídas. Segundo Araújo (2012, p. 50-51),

O programa de estudos destinado às meninas era bem diferente do dirigido aos meninos, e mesmo nas matérias comuns, ministradas separadamente, o aprendizado delas limitava-se ao mínimo, de forma ligeira, leve. Só as que

mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar; além disso, no máximo, que “a mestra lhes refira alguns passos da história instrutivos e edificação, e as faça entoar algumas cantigas inocentes, para as ter sempre alegre e divertidas”. No conjunto, o projeto educacional destacava a realização das mulheres pelo casamento, tornando-as afinal hábeis na arte de prender a seus maridos [...].

Nesse mesmo período, o casamento era tido como uma instituição social, onde os planos econômicos e políticos eram os principais articuladores e o amor não era necessário para a realização de tal. A sexualidade da mulher era parte importante desse plano, e por isso “a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o *status* da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem de parentela.” (D’INCAO, 2012, p. 235, grifos do autor), sendo, então, extremamente cuidada e vigiada pela família.

Não somente como finalidade econômica, a mulher era usada como “passe” para a ascensão social e manutenção de status, uma vez que se configurava como dona de casa, anfitriã em eventos e “boa esposa”. Dessa forma, os homens passavam a ser dependentes da mulher, porém, somente no sentido de sustento de imagem social.

Nota-se que nessa época, ao homem era dada a superioridade e à mulher o “direito de submissão”, sendo válido ressaltar que

Idéias preconcebidas sobre o feminino marcam, por certo, atitudes e concepções introjetadas em torno da passividade, da fragilidade, da autodesvalorização, da dependência e posse, que acabam por formar um cerco de valores capturando homens e mulheres na teia das expectativas sobre cada um dos sexos: proteção e sustento, posse e doação, estabilidade e afeto que se explicitam na formas de socialização e conseqüente divisão de papéis sexuais em nossa sociedade (TAUBE, 1992, p. 48).

No casamento isso se confirmava através dos rituais que eram estabelecidos, considerando que homem e mulher assumiam papéis sociais e familiares diferentes. Tratava-se de valores já determinados no contexto em que indivíduo estava inserido e por isso não ocorria somente quando se chegava ao momento do casamento, mas sim, desde muito cedo, principalmente para as mulheres, já que

A socialização de valores sociais e familiares abrange, de modo geral, os indivíduos da sociedade, cada um em seu papel, de forma diferenciada e complementar, homens e mulheres que deverão, dependendo de seus lugares na família e na sociedade, manter e reproduzir esses valores, introduzindo mudanças conforme os tempos e lugares. Para tanto, à medida que se dá a

socialização dos infantes, as meninas vão sendo mais firmemente atingidas no que toca às condições de dependência, de passividade, de sublimação, preparado-as para uma relação de complementaridade, marcada sobretudo pela desigualdade de acesso ao mundo social (TAUBE, 1992, p. 38).

Ainda nesse contexto de ritualização matrimonial, a mulher era concebida como impura, marcada por uma “sujeira” inata do ser feminino. Para a desmistificação de tais ideias, fazia-se necessário o casamento, o qual servia como mecanismo de controle sexual e social, já que a partir disso, a mulher estaria livre de todas as impurezas que antes a rondava e então passaria a pertencer ao novo quadro social, tendo que obedecer ao que lhe era imposto.

Dessa forma, o amor não era fator essencial e determinante para a realização do casamento. Acontecia em decorrência de interesses econômicos e políticos, tanto pelo pai da mulher quanto pelo esposo, ou seja, em virtude de “negócios de homens”.

A partir da segunda metade do século XX, com a saída das mulheres para o mercado de trabalho e sua conseqüente independência financeira, elas começaram a adquirir outros direitos.

À ela foi dada a liberdade de escolha, começou a frequentar bailes, a fazer compras sozinha, mas

as distinções entre papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceito visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa” (PINSKY, 2012, p. 608).

Embora a mulher tenha passado a não depender totalmente do marido, esse era importante para ela, pois em casos de separação ela continuava a ser vista como impura e perigosa à sociedade.

Na busca por independência e estabilização social, a mulher teve que se subverter à proteção masculina. Passou a decidir se casava ou não, e quando ocorria, tinha liberdade para escolher seu marido e a forma de construir sua família, tudo isso pensando no desenvolvimento do seu próprio eu. Assim, o casamento deixou de ser visto como necessário ao seu status social, excluindo os interesses econômicos que o impregnava

para tornar-se teoricamente livre e, mais do que isso, com expectativa de ter o amor como base. Esse amor é, na época, o tema constante dos mais variados discursos, do literário ao moralista. Por seu turno, a nova ordem econômica maximiza a importância das relações afetivas como mediadoras do poder e do sistema econômico com uma grane valorização da mulher em

seus papéis de mãe e esposa e louvam-se as especificidades do amor seja ele maternal, conjugal ou filial. Desenvolve-se uma expectativa de fusão entre amor e casamento e há tentativas de superar a idéia vinda de séculos anteriores de que o amor é assunto extraconjugal (BUENO TRIGO, 1989, p. 89).

Percebe-se, portanto, que “ao mesmo tempo que o século XX avança trazendo profundas mudanças na ordem econômica e social, as ideologias sobre o amor tornam-se cada vez mais impregnadas de características individualistas e personalistas” (BUENO TRIGO, 1989, p. 93), ou seja, junto à dependência econômica e direitos adquiridos nos mais diversos âmbitos sociais, a mulher passou a buscar autonomia em seus relacionamentos, colocando-se no centro de seus envolvimento e, principalmente, tendo o amor como princípio para a realização matrimonial, excluindo os interesses econômicos antes estabelecidos nesse acontecimento.

Para esses feitos, o movimento feminista deu sua grande contribuição, a começar na luta pela igualdade e discussão de gêneros. A inferioridade feminina em relação ao homem que antes era vista como consequência de fatores biológicos passou a ser questionada, assim, gerando debates sobre os diferentes papéis sociais estabelecidos e ocupados por homens e mulheres. Além disso, trouxe à tona discussões de assuntos como sexualidade, igualdade, família, maternidade etc., o que acabou resultando na enfática discussão de que o social é responsável pela formação do indivíduo.

Essa mesma concepção de que a mulher é constituída através do meio social pode ser resumida através da famosa frase da Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que um dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a ‘fraqueza’ só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe das leis que se impõe (BEAUVOIR, 1967, p. 55).

Para a crítica feminista, a inferioridade da mulher não é determinada biologicamente, mas sim, pelo constructo social, assumindo, assim, a identidade do “outro” do homem, isso é, tudo que é diferente do homem é impuro, sem valor.

## **AMOR, PAIXÃO E RELACIONAMENTO PURO: SENTIMENTOS (TRANS)FORMADOS PELA SOCIEDADE MODERNA**

Na passagem do século XIX para o XX, a concepção de relacionamentos amorosos e de “amor” se modificou. Giddens (1993) atribui essa mudança às transformações sociais e culturais da sociedade moderna. O autor divide o sentimento de amor em dois estados: amor apaixonado e amor romântico. O primeiro é definido como

a expressão de uma conexão genérica entre o amor e uma ligação sexual. O amor apaixonado é marcado por uma urgência que coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor (GIDDENS, 1993, p. 48).

O amor apaixonado está intrinsecamente ligado ao desejo sexual, porém não pode ser limitado a essa característica, podendo, portanto, ser encarado como ameaça à condição natural do indivíduo, uma vez que provoca a quebra da normalidade de quem ama apaixonadamente, privando-o das relações sociais, mas libertando-o no sentido de escape da rotina, funcionando como um desligamento do mundo natural e de tudo o que nele há.

Já o amor romântico tem como principais características a liberdade e o desenvolvimento do próprio eu de cada indivíduo da relação. O indivíduo busca descobrir o sentido do seu eu através do auto questionamento: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são “profundos” o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (GIDDENS, 1993, p. 56). Trata-se, portanto, de um sentimento mais íntimo, onde, embora haja uma preocupação no auto-desenvolvimento, a inquietação com o outro é evidente, já que esse preenche o vazio até então existente, e “este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, 1993, p. 56). Sendo assim,

Diferente do *amour passion*, que extirpa de modo irregular, o amor romântico desliga o indivíduo de situações sociais mais amplas de uma maneira diferente. Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro previsto, mas maleável; e cria uma “história compartilhada” que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial (GIDDENS, 1993, p. 56, grifos do autor).

A concepção das mulheres como um modelo de “dois sexos” devido ao fato de exercerem a dupla função de esposa e mãe fez com que as suas responsabilidades sob a rotina diária e sob os sentimentos aumentassem, passando, então, a serem vistas como o “sexo incompreensível e misterioso”. Essa ideia sob as mulheres deu-se, principalmente, pela institucionalização da sexualidade feminina, a qual foi gerada pelos discursos e estudos pregados sobre o sexo. Elas deveriam ser puras, se guardarem para o casamento e o prazer na relação sexual deveria ser somente do homem.

Diferentemente dessa, a natureza da sexualidade masculina foi coberta por uma série de concepções sociais, as quais visavam o homem como dominantes; podendo exercer o padrão duplo de relacionamentos (escolhiam e separavam as mulheres em puras e impuras); e a diferença sexual era vista como uma causa biológica.

Outro fator que contribuiu para a ascensão do amor romântico entre as mulheres foi o consumo de novela e literatura. Sobre isso, D’Incao (2012) observa que

A possibilidade do ócio entre mulheres ou elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receita de doces e confidências entre amigos. As histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento (D’INCAO, 2012, p. 229).

A partir desse momento as mulheres passaram a idealizar os casamentos como sendo “para sempre”, guiados pela ideia de “até que a morte nos separe” e associaram o amor como base para o ato matrimonial, fazendo essas responsáveis pelo “caráter intrinsecamente subversivo da idéia do amor romântico”, ou seja, ao mesmo tempo em que elas buscavam o desenvolvimento do eu enquanto estavam em relacionamentos amorosos, elas almejavam o romance como eterno, junto a um homem perfeito que pudesse completá-las (GIDDENS, 1993, p. 58).

Para os homens, o amor romântico teve outros caminhos. Acreditando esse sentimento como “feminilizado”, eles persistiram no padrão duplo de relacionamento, assim, distanciaram esse sentimento da zona de conforto do lar dos envolvimento extraconjugais.

Giddens (1993) cita em sua obra uma pesquisa realizada por Sharon Thompson final de 1980<sup>1</sup>, que tinha como finalidade investigar os valores, atitudes e comportamento sexual de um grupo de meninas. Para isso, a pesquisadora utilizou “a busca do romance” como eixo

---

<sup>1</sup>A pesquisa foi realizada no final de 1980, onde 150 jovens americanos, meninos e meninas de classes e origens étnicas diferentes foram entrevistados.

norteador de suas perguntas na coleta dos depoimentos. Os resultados mostraram que essas garotas visavam à experiência sexual como chave para que o romantismo pudesse ser alcançado, e nessa busca, a ansiedade e desespero se faziam presente, ou seja, a pesquisadora percebeu que o discurso pregado por aquelas meninas era carregado de preocupação em relação aos homens, isso é, em relação às ideias e comportamento deles, evidenciando, portanto, o fardo carregado socialmente. Dessa forma, percebe-se que essas garotas recuavam

para idéias e modos de comportamento preexistentes – aceitação do padrão duplo, “sonhos melosos de maternidade”, esperanças de amor eterno. A maioria se depara rompendo com normas e tabus anteriormente estabelecidos, adaptando-os de tal forma que grande parte da energia emocional é investida, mas de uma maneira absolutamente provisória e propensa à reestruturação à luz de possíveis acontecimentos futuros (GIDDENS, 1993, p.63).

O discurso pregado por essas meninas estão associados à ideia de “nós”. Isso nos revela que mesmo com o passar de várias décadas, as mulheres mantiveram suas concepções na busca do “príncipe encantado” que possa completá-las. Continuam idealizando um amor que seja “para sempre” e se submetendo às próprias vontades em razão do homem perfeito, no entanto, direcionam seus discursos não mais para a realização de casamentos, mas sim, pensam o envolvimento afetivo e emocional como relacionamentos.

Giddens (1993) ao se referir aos relacionamentos amorosos da sociedade moderna, usa a expressão *relacionamento puro*, definindo-o como

uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 68-9).

Isso significa que junto ao o processo de mudanças sociais, houve mudanças na natureza dos relacionamentos. Não se fala mais em casamentos, mas sim, em relacionamentos, os quais em sua naturalidade devem ser puros, relacionando-se tanto ao amor quanto à sexualidade. O período de duração desse envolvimento é indefinido e por isso os indivíduos que nele estão, buscam a plena satisfação, e quando já não mais há motivos ou benefícios para nele continuar, o desfazem.

Ao abordar essas questões da mudança da natureza dos relacionamentos como consequência da modernidade, Giddens (1993) discute sobre a imagem estereotipada da mulher nos tempos modernos, e por isso diz que a sociedade é responsável pela imagem e valores estabelecidos em torno dos indivíduos, dando-lhes, de certa forma, subsídios para cometerem e persistirem nas ações que determinam seus laços.

## **VÍCIO E DEPENDÊNCIA: SENTIMENTOS E RELACIONAMENTOS AFETADOS**

Falar sobre a natureza do vício requer a definição desse termo, o qual é entendido por Giddens (1993, p. 84) como “um hábito padronizado compulsivamente engajado, cuja retirada gera uma ansiedade incontável”. Essa compulsão é também definida pelo autor como uma associação “a uma sensação de perda de controle sobre o eu” (GIDDENS, 1993, p. 84).

O vício tem como principais características o êxtase e a dependência. Giddens (1993, p. 84-5) diz que essa primeira trata-se de “uma sensação momentânea de exaltação que a pessoa desfruta quando uma sensação “especial” é produzida – um momento de libertação. O êxtase é às vezes, embora nem sempre, uma sensação de triunfo e também de relaxamento”.

Sobre a segunda, o autor diz que

Quando uma pessoa está viciada em uma experiência ou em uma forma de comportamento específicas, o esforço para atingir um êxtase traduz-se na necessidade de uma dependência. A dependência abrandando a ansiedade e introduz o indivíduo na fase narcotizante do vício. A dependência é psicologicamente necessária, mas mais cedo ou mais tarde é sucedida pela depressão e pelas sensações de vazio; e o ciclo recomeça. (GIDDENS, 1993, p. 85)

Dessa forma, “a experiência do vício é um afastamento do eu, um abandono temporário daquela preocupação reflexiva com a proteção da auto-identidade, genérica à maior parte das situações da vida cotidiana” (GIDDENS, 1993, p. 85). O indivíduo viciado em uma determinada situação ou em alguém, é entendido pelo autor como um ser co-dependente, e por isso, “para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir suas carências; ela ou ele pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros” (GIDDENS, 1993, p. 101-102).

Um viciado num relacionamento amoroso pode permanecer nele por muito tempo sem se dar conta da compulsividade presente. Somente quando essa relação acaba, o indivíduo se dá conta da dedicação depositada durante o tempo de permanência, e assim sofre uma

perturbação, sendo necessária a reorganização de sua rotina, mas essa já se torna impossível em decorrência do vício. Pode-se dizer, então, que o indivíduo se perdeu em si mesmo e está num relacionamento co-dependente, ele enquanto sujeito “é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduo, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros” (GIDDENS, 1993, p. 101-2).

No término do relacionamento,

uma imagem do outro, hábitos associados ao outro e a expectativa de que possa ocorrer uma reconciliação persistem posteriormente por muitos anos [...]. O luto é a condição do desprendimento de hábitos que do contrário transformaram-se em traços viciados no presente (GIDDENS, 1993, p. 116).

É visto, portanto, que o próprio relacionamento bloqueia a visão do indivíduo em relação a si mesmo, impedindo, assim, a auto-reflexão identitária, fazendo com que ele se torne apenas um “produto” do mundo externo, apenas um falseamento em prol do próprio prazer.

### **ANÁLISE DO CONTO A CEIA**

O conto narra o encontro de um ex-casal, Eduardo e Alice, que acabara de terminar o casamento que durou 15 anos. Inconformada com a situação, a mulher tenta recuperar o amado e por isso propõe o encontro. É em um restaurante “modesto e pouco freqüentado, com mesinhas ao ar livre, espalhadas debaixo das árvores” (TELLES, 1971, P. 92). Trata-se, provavelmente, de um encontro secreto, já que, como se verá adiante, Eduardo está noivo de outra mulher.

Logo no início do conto é perceptível a frieza como Eduardo trata Alice, evidenciando o estado da relação:

A mulher parou no meio do jardim e sorriu para o céu.

- Que noite!

Ele lhe bateu brandamente no braço.

- Vamos, Alice... Que mesa você prefere?

Ela arqueou as sobrancelhas.

Com pressa?

-Ora, que idéia... (TELLES, 1971, p. 92).

Ao entrar, “sentaram-se numa mesa próxima ao muro e que parecia a menos favorecida pela iluminação. Ela tirou o estojo da bolsa e retocou rapidamente os lábios. Em seguida, com gesto tranqüilo, mas firme, estendeu a mão até o abajur e apagou-o” (TELLES, 1971, p. 92). O ato de apagar a luz revela uma preocupação extrema de Alice em evitar que Eduardo a veja como está, e assim o é por várias vezes durante o conto. Como diz Rufino (2007),

O envelhecimento, na ficção de Lygia, aparece como um momento de pesar na vida das personagens, pois é ele quem muda o rumo das coisas e vai se superpondo à beleza da juventude. Nas mulheres, é o prenúncio da solidão. Assim como Alice, outras personagens são abandonadas por seus pares nessa etapa da vida (RUFINO, 2007, p. 46).

“Ela apoiou os cotovelos na mesa e ficou olhando para o homem. Seu rosto fanado e branco era uma máscara delicada emergindo da gola negra do casaco” (TELLES, 1971, p. 92). Esse trecho revela o excesso de maquiagem usada pela mulher a fim de esconder os traços da idade avançada.

A preocupação com a idade é constante em Alice, principalmente porque acredita que o término do casamento foi provocado por esse motivo. Essa incessante preocupação com a idade se dá pelo fato de viver em uma sociedade onde a beleza e juventude feminina é extremamente valorizada, e não possuindo essas “qualidades”, a possibilidade de abandono e impossibilidade de casar-se novamente aumente.

Com ciúmes, questiona Eduardo a respeito de sua idade, referindo-se à nova esposa do ex-marido de maneira irônica.

- Você contou, Eduardo, você contou. Está claro que você contou até com detalhes. E a raposinha foi fazendo mais perguntas ainda...  
- Por que você a chama de raposinha?  
- Porque ela tem cara de raposinha, não tem? Tão graciosa. E já sabe tudo a meu respeito, não? Até a minha idade. (TELLES, 1971, p. 94).

Para Alice, a nova mulher de Eduardo é a culpada pelo fim do casamento. Assim, questiona sobre ela várias vezes. Em uma dessas, faz questão de depreciá-la. Para isso, passa a questionar sobre a virgindade da moça, no entanto, sua crítica acaba por se tornar inválida, já que os valores da época em que se encontra não visam a mulher que não é mais virgem como impura. Revela-se, então, estagnada.

- E naturalmente vai vestida de noiva, ah, sim, a virgenzinha... Já dormiu com todos os namorados, mas isso não choca mais ninguém, imagine! Tem o médico amigo que costura num instante, tem a pílula, morro de inveja dessa geração, como as coisas ficaram fáceis!

- Cale-se, Alice.

- Como você já é uns bons anos mais velho, ela mandou costurar, questão de princípio. E vai chorar na hora, fingindo a dor que está sentindo mesmo porque às vezes a tal costura... (TELLES, 1971, p. 101-02).

Incansavelmente, Alice tenta a reconciliação com Eduardo. Mostrando ser dependente e impossibilitada de esquecê-lo, propõe que o contato entre eles continue pelo menos por amizade:

[...] mas se ao menos você promettesse que vai me ver de vez em quando, ao menos de vez em quando, compreende? Como um amigo, um simples amigo, eu não peço mais nada... (TELLES, 1971, p. 96).

Em meio a essas tentativas forçadas de ter Eduardo de volta, Alice o toca inúmeras vezes, revelando, assim, a intensidade de seu desejo.

Inclinando-se para o companheiro, ela beijou-lhe a palma da mão. Apertou-a contra a própria face. (TELLES, 1971, p. 96).

[...] E atirou-se contra ele, abraçando-o, “Eduardo, eu te amo!” Beijou-lhe as mãos, a boca afundou a cara por entre a camisa, procurando chegar-lhe ao peito, enfiou a mão pela abertura, esfregou a cara no corpo do homem, sentido-lhe o cheiro, apalpando-o, a ponta da língua vibrando de encontro à pele (TELLES, 1971, p. 100-1).

Alice encontra-se inconformada, em estado de neurose amorosa, a qual para Giddens (1993, p. 116)

tem um “tempo psicológico” que pode durar por um período de muitos meses, embora sua duração varie segundo o grau de envolvimento emocional que o indivíduo precisa reelaborar. Em geral só se consegue ficar conformado com o “convite ao adeus”, nos últimos estágios do afastamento, quando já se conviveu substancialmente com a dor e com a culpa.

Alice propõe encontros, evidenciando ainda mais sua submissão, obsessão e condição de mulher apaixonada:

Aceito tudo, já disse, mas venha ao menos de vez em quando para me dizer um bom-dia, não peço mais nada... É preciso que vá me acostumando com a

idéia de te perder, entendeu agora? Venha me ver, mesmo que seja para falar nela, ficaremos falando nela, é preciso que me acostume com a idéia de, não pode ser assim tão brusco, não pode (TELLES, 1971, p. 97).

Observando o comportamento de Alice, percebe-se o quão dependente ela se tornou. Eduardo é visto por ela como a parte que lhe falta, e por isso se apóia nele e o idealiza como o homem perfeito, nos remetendo, assim, às observações anteriormente feitas a respeito do amor romântico, onde há a busca pelo indivíduo que possa completar ao outro.

Eduardo, por sua vez, vê o término do casamento como uma transformação na vida de ambos e como um acúmulo de experiências. Em uma de suas falas ele diz: “Só sei que não tenho culpa, Alice. Já disse mil vezes que não pretendia romper, mas aconteceu, aconteceu. Não tenho culpa!...” (TELLES, 1971, p. 97). Sendo assim, torna-se evidente que o homem encontra-se no estado de relacionamento puro, onde buscou extrair ao máximo, coisas boas do relacionamento que viveu, e quando previu o tamanho desgaste do casamento, o desfez.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das abordagens feitas a respeito da condição da mulher na época em que o conto foi escrito e das outras questões abordadas, podemos observar que Alice é intensamente submissa, dependente e obcecada por Eduardo, seu ex-marido. Isso se dá pelo fato de estar situada em um contexto onde a mulher separada é vista como uma ameaça à sociedade. Influenciada pela ideia de amor romântico, ela se culpa a todo o momento pelo término da relação, isso é, se responsabiliza e se julga pela manutenção do casamento, revelando, assim, o imaginário frágil das mulheres de sua época.

Além disso, percebemos que a amargura de Alice deve-se ao fato de ter sido abandonada pela idade já avançada e, então, ter sido trocada por uma mulher mais nova, fazendo com que as possibilidades de exclusão da sociedade que tanto valoriza a beleza e juventude feminina torne-se ainda maior. No entanto, Eduardo parece sair do relacionamento sem ser afetado negativamente, isso porque, devido ao constructo social de que o homem é superior à mulher até no âmbito dos relacionamentos amorosos, fez com que ele pudesse exercer seu domínio e se envolver em um novo relacionamento.

Em relação às marcas do relacionamento do casal, é perceptível que a mulher apresenta características do amor romântico, isso porque, para ela, a felicidade e sua completude estão em Eduardo. Suas falas deixam claro que sua concepção sobre seu casamento era de “para sempre”. Ao projetar seu amor no homem, Alice acaba se

decepcionando, deixando em evidência o estágio em que se encontra: viciada e co-dependente do relacionamento, perdendo, assim, o controle sobre seu próprio “eu” e, conseqüentemente, sobre suas ações, as quais não permitem espaço para a auto-reflexão. Assim, a reflexividade que procuramos evidenciar no início do trabalho não é característica dessa mulher moderna.

Eduardo, por sua vez, evidencia que não está em sintonia com sua ex-esposa. Ele vive no estado de relacionamento puro, buscando extrair o melhor da relação que teve com Alice e entrando em uma nova.

De modo geral, constatamos, também, que tanto as diferenças na relação de gênero quanto nas relações amorosas foram influenciadas pelo surgimento da sociedade moderna, assim, junto aos acontecimentos desse novo espaço, as mulheres tornaram-se mais reflexivas, passando a questionar as noções que as diferenciavam dos homens, mas não no caso dessa personagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORI, M. (org.); BASSANEZI PINSKY, C. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed.; 1º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012, p. 45-77.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*; Tradução de Sérgio Milliet. 4ª edição, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUENO TRIGO, M. H. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M. A. (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo, Contexto. 1989, p. 88-94.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, M. (org.); BASSANEZI PINSKY, C. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed.; 1º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012, p. 223-40.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*; Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (Biblioteca básica).

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da modernidade*; 5ª reimpressão. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991. (Biblioteca básica).

BASSANEZI PINSKY, C. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORI, M. (org.); BASSANEZI PINSKY, C. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed.; 1º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012, p. 607- 39.

RUFINO, M. C. 2007. *A representação do amor em contos de Lygia Fagundes Telles*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 110 p.

TELLES, L. F. *Antes do Baile Verde*. 2ªed.; revista e aumentada; Coleção Sagarana n. 87. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, M. (org.); BASSANEZI PINSKY, C. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed.; 1º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012, p. 401-42.

TAUBE, M. J. Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares. In: PORCHAT, I. (Org.). *Amor, Casamento, Separação: a falência de um mito*. 1ª ed. Editora brasiliense, 1992, p. 27-54.